

O Amor Libertador e Transformador de Cristo no Contexto Latino-Americano*

Silvio Meincke

INTRODUÇÃO:

Estou feliz, por ver, no nosso roteiro de trabalho, este espaço, em que lembramos o contexto Latinoamericano, no qual somos desafiados a viabilizar a nossa tarefa missionária. Em congressos como este que aqui realizamos, sempre corremos o risco de voar, a 10 ou 12 mil metros de altura, por sobre o contexto. reunir-nos longe do mesmo e, abstraídos dele, tecer as nossas reflexões. Penso que temos caído demasiadamente no erro de pregar um Evangelho não contextual, não encarnado, quando o mesmo quer tornar-se chão, poeira e suor, no contexto específico de cada situação histórica. Entendo o evangelho como sendo dinâmico como a própria vida e não o vejo como uma verdade estanque, em fórmulas imutáveis, que pudessem ser aplicadas, sempre iguais, nas mais diferentes situações de contexto. O que é atualização do Evangelho em determinado contexto não o precisa ser necessariamente em outro contexto.

Sei da infinidade de enfoques que se poderia dar numa análise ampla do contexto Latinoamericano. Não pretendo chegar a tanto nesta palestra, por três motivos:

Primeiro, porque o palestrante que me antecedeu já procedeu essa análise.

Segundo, porque quem tem olhos e coração para ver e sentir as coisas, sabe das grandes contradições da sociedade Latinoamericana, em relação a riqueza e pobreza, progresso e subdesenvolvimento, luxo e miséria.

Terceiro, porque a experiência me ensinou que é a sensibilidade e a misericórdia que fazem ver a realidade e não o arrolamento

(*) Palestra proferida no Congresso Luterano Latinoamericano, realizado em Bogotá, Colômbia, nos dias 15 a 23 de agosto de 1980.

de muitos dados. Quem anda de olhos e coração atentos sabe dos privilégios das classes dominantes e do sofrimento das largas camadas do povo dominado, justamente por causa dos privilégios daqueles. Sabe também das áreas em que mais se expressam essas contradições, como sejam, a injusta distribuição da terra, a aberrante distribuição da renda, a impossibilidade das maiorias de usufruírem do acesso às escolas e de participarem nas decisões que regem a convivência das pessoas. Entre as muitas realidades contextuais, de norte a sul do continente, creio serem estas as mais típicas e mais generalizadas em todos os países que compõem a América Latina.

Neste contexto vejo como prioritário em nossa missão evangélico-luterana a proclamação do amor, revelado em Jesus Cristo, que liberta e transforma.

TESE I – As normas e as leis que regem o relacionamento das pessoas nas sociedades latinoamericanas, quando não baseadas no amor, devem ser mudadas e transformadas, sob a força do amor, que é a quintessência da ética cristã.

A norma ética máxima do Evangelho é o amor. Penso que não haja dúvidas a esse respeito. Nem mesmo será preciso delongar-me em muitos argumentos para fundamentar essa afirmação. Basta ouvir o próprio Cristo e os seus apóstolos:

Veja: Mt 22.34 – 40

Gl 5.6 e 5.13 – 14

Rm 13.8 – 10

I Co 13.1 – 13

I Jo 3.11 – 18 e 4.7 – 21

Cl 3.14

(e muitas outras passagens).

Impressiona a radicalidade dessas palavras. As palavras do Novo Testamento que falam do amor são sempre radicais, absolutas, últimas e não deixam alternativa. O amor é a norma ética máxima e engloba, expressa, resume toda a ética cristã. A prática do amor é a própria essência da vivência cristã, a própria essência da resposta da fé que se compromete com a orientação do Evangelho de Jesus Cristo. Disse bem Agostinho "Ama e faz o que queres".

Assim sendo a nossa missão, a nossa tarefa evangelizadora, será a viabilização da vivência do amor no contexto em que vivemos. Como evangelizadores devemos, nós mesmos, antes de mais nada viver o amor, para então viabilizar esse mesmo amor. Para isto devemos encontrar recursos didáticos para levar aos evangelizados o amor e formas litúrgicas para com eles celebrar o amor.

Concluimos que o amor cristão é tanto parâmetro para avaliação, análise, crítica e julgamento do contexto, quanto força atuante para moldá-lo e transformá-lo.

TESE II – Amor cristão é comprometimento que se identifica com o próximo, em suas alegrias, frustrações, necessidades e expectativas e nos move para uma tomada de posição em favor dele.

Vejo no Evangelho o amor compreendido como ação, tomada de posição, decisão, envolvimento, comprometimento e empenho em favor do outro. Não o vejo, portanto, como simples contemplação, enlevo e sentimento. O amor é ação e pode ser luta: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos amigos" (João 15.13). "Sede servos uns dos outros pelo amor" (Gl 5.13). Cristo mesmo, ao andar pela Palestina, caminhava muito, para ir ao encontro dos que por ele esperavam, para compreender os que haviam tropeçado, para conversar com os que estavam sós, para curar os doentes, para integrar os marginalizados. E tomou partido, claramente, em favor dos pequenos. Entrou em Jerusalém montado num humilde burrico e os seus inimigos estavam nos palácios.

Repetindo: O amor que Cristo nos ensina não é apenas contemplação, enlevo ou sentimento. É muito antes ação que beneficia o outro, principalmente o que sofre.

TESE III – Somos desafiados a encontrar caminhos para a vivência do amor, que ultrapassa o nível do relacionamento de indivíduo para indivíduo, porque dentro da realidade latinoamericana o desamor se sistematizou, estruturou, legalizou e oficializou nas normas que regem o relacionamento de grupos e coletividades.

O egoísmo e o desamor são frutos do afastamento de Deus; são frutos da tentativa do homem de ser o seu próprio senhor; são frutos do ato de comer a fruta da árvore do conhecimento do bem e do mal, para ser igual a Deus (conforme o expressa Gênesis). Mas a expressão do desamor não se restringe aos atos de desamor isolados e individuais, porque os indivíduos se organizam em grupos e classes. Nesta organização estruturam, legalizam e oficializam os seus interesses, os seus privilégios, as suas vantagens, nas leis, nas normas, nos modelos econômicos, políticos e sociais que criam. Nesta estruturação dos interesses levam vantagens e têm sucesso os grupos que detêm o poder, que tem condições de influir nas leis, que têm força para fazer valer sua vontade, de participar nas decisões, seja pelo preparo intelectual, seja pelo poder das armas. Na América Latina de maneira geral, grita aos olhos o poder das minorias privilegiadas que garantem os seus privilégios às custas das majorias sem vez e sem voz.

Existe um vasto consenso hoje na América Latina de que a pobreza e a miséria de milhões não é culpa de Deus ou da natureza, como se Deus não tivesse brindado abundantemente a natureza com toda sorte de riquezas. Há consenso em que o sofrimento das maiorias pobres é fruto do pecado do desamor, praticado por aqueles que têm a força para organizar a sociedade e o fazem em proveito próprio; pecado da minoria dominante, quando os mais fortes, os mais inteligentes, os mais rápidos, os mais inescrupulosos, os mais egoístas correm mais rapidamente e abocanham para si (por meio das leis que fazem e por meio do modelo econômico que edificam, e não raras vezes defendem com armas e golpes de estado) as maiores fatias das riquezas que Deus colocou no mundo para benefício de todos os seus filhos, deixando apenas as migalhas para as massas famintas.

Se Cristo se tornou pobre, não o fez para idealizar a pobreza, mas sim para condená-la e vencê-la. A pobreza como resultado do desamor institucionalizado aparece na Bíblia como escândalo, como ofensa a Deus, como pecado, que deve ser vencido, por ser contrário à vontade de Deus. Cristo tornou-se pobre para mostrar a pobreza como um mal que deve ser eliminado pela força do amor que muda as coisas erradas e injustas. E a sua ressurreição foi a vitória também sobre essa expressão da morte, que se instala na vida das pessoas e que se chama miséria.

Portanto, a nossa tarefa missionária, baseada no amor que brota da fé, é a opção clara, dentro do contexto latinoamericano, em favor dos mais carentes de amor; é o apoio decidido aos que não têm vez e nem voz; é a luta contra as causas geradoras do sofrimento dos mais carentes.

TESE IV – O amor é uma dádiva que recebemos pela mão estendida da fé.

A fé nos diz que somos amados e que estamos guardados, aconteça o que acontecer, até mesmo acontecendo a morte. A fé nos diz que Cristo já andou todos os caminhos da existência humana e que, por isso mesmo, quer ser o nosso companheiro de jornada, seja qual for o caminho que teremos que andar. A fé nos diz que nada pode separar-nos do amor de Deus (Rm 8.31). Esta fé que confia, liberta-nos da preocupação terrível e exagerada que temos para conosco mesmos. Já não precisamos guardar-nos, garantir-nos, justificar-nos a nós mesmos, porque outro nos guarda, nos garante, nos justifica.

Assim sendo, a fé nos liberta da necessidade de girarmos em torno de nós mesmos, de voltarmos os nossos sentimentos e nossos olhos somente para nós mesmos, de nos preocuparmos somente

com as nossas próprias cargas, de defendermos só o que é nosso, de ficarmos sempre com a última palavra, de defendermos o modelo econômico que nos garante os nossos privilégios, de votar no candidato que defende a nossa classe de privilegiados.

A fé que confia, liberta-nos assim de nós mesmos e nos dispõe a nos colocarmos a serviço do outro. Por isso a capacitação para o amor é uma dádiva que recebemos pela mão estendida e vazia da fé que confia. O amor vence em nós o egocentrismo, quando a fé nos diz que Deus nos ama (veja I João 4).

Portanto, o amor não é uma questão de força de vontade, de autodisciplina, de auto-aperfeiçoamento e também não de merecimento; não é criação nossa, não podemos produzi-lo em nós. É dádiva que recebemos *sola gratia*, gratuitamente, unicamente pela fé que confia – *sola fide*. Quem quer amar deve antes aprender a confiar pela fé, para que seja libertado de si mesmo e possa enxergar o outro.

Isto nos ensina que, na nossa missão, na nossa tarefa evangelizadora, dentro do contexto latinoamericano, dentro de um contexto que deve ser mudado, antes de mais nada é preciso que nós mesmos experimentemos o amor libertador de Cristo e que, a partir dessa experiência, viabilizemos a experiência libertadora do amor para aqueles que queremos evangelizar; que canalizemos a vivência desse amor libertador na nossa prática pastoral; que o canalizemos para o engajamento dos libertos na transformação do contexto sócio-político-econômico, determinado pelo desamor.

É nossa missão crescer no amor e nele fazer crescer; viabilizar o amor; celebrar liturgicamente o amor; descobrir recursos didáticos para o ensino prático e contextual do amor; oferecer instrumentos de avaliação do desamor institucionalizado sob a luz dos critérios do amor.

Quem melhor que os cristãos libertos haverão de ter condições para viabilizar uma civilização baseada no amor? Na verdade ninguém se diz contrário ao amor. Todos dizem fazer as coisas por amor e todos concordam que o amor é o melhor que se pode fazer. O problema reside na libertação para o amor.

TESE V – Diferentes concepções teológicas determinam a vivência da fé e a prática pastoral das diferentes congregações luteranas na América Latina. Para viabilizar o amor transformador é imprescindível que a fé recorra ao instrumental de análise do contexto, recurso não admitido por todas as linhas de pensamento teológico.

Sei que as diferentes concepções teológicas nem sempre aparecem nas congregações locais de forma pura, mas as perpassam e se mesclam, com predomínio ora de uma, ora de outra. Não

quero aqui fazer uma análise aprofundada das diferentes concepções, mas quero apenas destacar alguns aspectos da prática pastoral de algumas delas e que julgo importantes para a nossa reflexão. Atrevo-me a dar nomes a estas diferentes formas de prática pastoral, ciente de que possam mais ser apelidos do que nomes concretos, que os saibam definir acertadamente.

A) A pastoral paternalista – assistencial.

Dentro dessa concepção a igreja se coloca ao lado da classe dominante, prestigia seus governantes e oferece-lhes o seu apoio, em troca de alguma ajuda na construção de capelas, escolas, creches; em troca de esmolas e alguma assistência paternalista aos mais necessitados. A classe dominante afirma-se cristã, para legitimar o seu poder, dentro de um contexto dito cristão. Por meio dessa pastoral, consegue-se sempre juntar algumas migalhas de pretenso amor, mas a estrutura da convivência humana permanece determinada pelo desamor; remenda-se a pobreza, mas não se desmonta a máquina geradora da pobreza. Em última análise é esta pastoral que mais convém à classe dominante, para manutenção dos seus privilégios, gerados pelo desamor. A igreja, ingênua ou propositamente, lhe serve de instrumento.

B) A pastoral individualista – angelical.

Em atitudes escapistas usa a fé religiosa como anestésico para os males da vida, numa pastoral-fuga, que esquece a terra e olha somente para o céu, convidando os pobres a se conformarem com a miséria – como se ela fosse vontade de Deus e não pecado do homem – atrofia a consciência crítica que, estivesse a serviço e fosse instrumento do amor, poderia gerar mudanças. Entende como solução da miséria a conversão para um mundo angelical, distante da vida dos conflitos, onde o indivíduo convertido terá assistência espiritual e material por parte da congregação. Efetivamente ajuda pessoas a se erguerem por esse caminho, mas sempre individualmente, e jamais questiona as causas geradoras da miséria.

Eticamente volta a sua preocupação para proibições moralistas e não tem olhos para detectar o pecado social. Não admite instrumentos de análise de contexto, já que afirma que a Bíblia é o único material de leitura do cristão. Dentro da sua passividade e sujeição serve perfeitamente à manutenção do desamor, ainda que tudo se queira fazer em nome do amor.

C) A pastoral engajada – transformadora.

Adota a reflexão pastoral crítica, em relação à organização da sociedade e procura detectar as causas geradoras do desamor; recorre ao instrumental de análise econômica, sociológica, histórica

e política para, como base nela, mas acima dela, interpretar as contradições da sociedade, à luz da vontade de Deus. Interpretando-as e analisando as suas causas, procura vencê-las e transformá-las pelo engajamento de todos os envolvidos.

Sou de opinião que na nossa prática do amor não podemos prescindir do espírito crítico de análise do contexto, sob o risco de praticarmos ingenuamente o desamor em nome do amor. Diabolicamente o desamor toma a aparência do amor, a tal ponto que os maiores vilões da nossa história pretensamente agem em nome do amor a tal ponto que os mais cruéis ditadores e transgressores dos direitos humanos na América Latina praticam os seus desatinos em nome da tradição cristã ocidental. Se queremos vencer pelo amor o desamor legalizado nas normas e leis que sustentam a nossa estrutura social, então devemos conhecer essas normas e leis, analisá-las e avaliá-las com o critério do amor. Devemos estudar e conhecer as artimanhas do desamor. Sem isso seremos apenas ingênuos e cumprimos pela metade o mandamento de Cristo, quando ele diz que sejamos mansos como as pombas, sim, mas não deixemos de ser espertos como as cobras. Todo posicionamento que prega a neutralidade ou a fuga dos conflitos diante das regras que regem a sociedade em que vivemos, está na verdade convidando para o apoio das mesmas. Quem prega o amor, sem analisar as artimanhas do desamor é ingênuo e se coloca a serviço justamente do desamor. Karl Barth, penso eu, quiz dizer isso, quando recomendou que se lesse a Bíblia numa mão, sem deixar de ter o jornal na outra mão.

Esta análise nos ajuda também a distinguir entre as migalhas de amor que praticamos na forma de esmolas e campanhas de agasalho, pelas quais tanto gostam de promover-se as primeiras damas da nossa sociedade, e o amor em doses maciças, que liberta e transforma o que foi criado e edificado pelo desamor.

TESE VI – A prática do amor libertador e transformador só se realiza na organização dos fracos e injustiçados para a conquista dos direitos que esse amor lhes concede.

Não falo dos direitos que as leis dos homens garantem aos fracos, mas que o amor revelado em Cristo lhes garante, porque as leis foram elaboradas pela irredutível classe dominante, muitas vezes com o recurso de golpes, ditaduras assassinas e canhões e torturas. É o amor e não a lei feita pelos opressores que deve dizer-nos qual o direito do pequeno sobre a terra que é de Deus; sobre as riquezas que a classe dominante esbanja.

Iludimo-nos duplamente, quando confiamos demais apenas na pregação da Palavra do púlpito. Iludimo-nos:

– em primeiro lugar, porque pensamos que a nossa pregação possa estipular o idealismo nos fortes, no sentido de atuarem de maneira transformadora sobre a sociedade que lhes garante os seus privilégios. A realidade nos mostra que isto nunca ocorre. Além disso os verdadeiros articuladores do poder só entram na igreja em missas festivas ou para granjear votos. Quem há de transformar as regras do jogo não são aquelas que as criaram.

– em segundo lugar nos iludimos, porque nos esquecemos de que, entre o Evangelho de Cristo e o ouvinte está o pregador. Pode ser verdade que a Palavra não volta vazia, mas entre essa Palavra e a terra fértil, onde deve ser lançada, estão as falhas e as fraquezas, a ideologia e a monotonia de quem prega.

Por isso tudo a nossa missão, no contexto injusto que nos cerca, é que tomemos claramente o partido dos fracos e oprimidos, os ajudemos a se organizarem, e dentro dessa organização, plante-mos a semente do amor, para uma luta limpa, não violenta, evangélica; ajudemos o oprimido a escrever a sua história pelas suas mãos e não pela mão do opressor; e que essas mãos sejam guiadas pelo amor libertador e transformador de Cristo.

Um trabalho de evangelização assim concebido, além de ser uma expressão concreta de amor para com os fracos e além de proporcionar uma vivência concreta de amor entre eles, será também um meio, pelo qual levaremos o opressor mais facilmente à reflexão, do que apenas pela nossa pregação de púlpito.

Lembro-me do conhecido provérbio que diz: "Não dá o peixe, ensina a pescar". Concordo com esse provérbio, desde que analisemos o que exatamente significa ensinar a pescar, dentro do nosso contexto latinoamericano, pois o "rio das riquezas" na América Latina está ocupado. Ocupado por poucos, que tomaram todo o espaço para si e o guardam com leis de concentração de renda, arrocho salarial, ideologias de segurança nacional, golpes de estado, corrupção, mordomias e mil outras artimanhas. Agora mesmo nos chegam as notícias de El Salvador, Guatemala e Bolívia. A história sempre se repete com esses golpes: um grupo de opressores se une, com armas em punho, ou seja, com a ajuda dos militares, faz o governo que lhes convém, ainda que, para isso necessitam derrubar à força um governo legitimamente eleito. O rio de riquezas está, pois, ocupado por esses poucos. Nas mesmas haveria lugar para todos, se os poucos não tomassem para si tanto espaço e impedissem o acesso dos muitos. Deus colocou nessa terra riquezas para todos os seus filhos. Se muitos não têm acesso, não é porque elas não existem em abundância, mas sim, porque os fortes não permitem acesso aos fracos e abocanham as riquezas

todas para si, deixando aos fracos apenas as migalhas. Ensinar a pescar, nesta situação, significa organizar os fracos, para que se unam e conquistem o seu espaço junto ao rio das riquezas latinoamericanas.

A história nos mostra que a classe dominante, que têm a faca e o queijo na mão, não distribui fatias voluntariamente e muito menos por amor e idealismo. É preciso que os fracos conquistem a sua fatia, por meio da sua organização, da sua força de barganha, dos seus recursos de exercer pressão sobre as leis e as normas que determinam a injusta organização social. Nossa missão evangelizadora será ajudá-los a conquistar os direitos que o amor lhes concede e que o façam orientados pela Palavra daquele que confessamos como o nosso Senhor. O amor de Cristo dá direitos e procura justamente os fracos, os que tropeçam na jornada da vida, os que vivem à margem, os que não têm forças, não têm voz, não têm vez. Já na Palestina os inimigos de Cristo eram os que faziam as leis e viviam nos palácios.

Para começar deveríamos nos unir, na medida do possível, e vencer a nossa dispersividade; unir-nos entre nós, nos nossos propósitos e unir-nos às outras igrejas cristãs, que conosco compartilham os mesmos propósitos.

Devíamos também crescer na aprendizagem de sermos menos abstratos na nossa pregação do amor, do perdão, da justiça, para tornar-nos mais e mais concretos e contextuais nos nossos propósitos; devíamos crescer na capacidade de desenvolver uma pastoral menos abstrata, a-temporal e estéril.

Em tudo isso devemos descobrir caminhos para construir em cima da unanimidade na aceitação do amor como norma ética máxima da cristandade e em cima da grande reserva cristã do povo latinoamericano.

Não por último deveríamos sempre solidarizar-nos com os expoentes nessa luta, não deixando-os sozinhos, quando acusados e caluniados de subversivos e comunistas, as pexas prediletas atradas pelas classes dominantes sobre os que realmente se engajam pelo amor libertador e transformador.